



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

LUCIMERY BARBOZA FREITAS

UMA LEITURA FILOSÓFICA DA EDUCAÇÃO HOMÉRICA

**CAMPINA GRANDE
2019**

LUCIMERY BARBOZA FREITAS

UMA LEITURA FILOSÓFICA DA EDUCAÇÃO HOMÉRICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866u Freitas, Lucimery Barboza.
Uma leitura filosófica da educação homérica [manuscrito] /
Lucimery Barboza Freitas. - 2019.
23 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação e Pesquisa, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Areté. 2. Educação homérica. 3. Homero. 4. Mito. I.
Título

21. ed. CDD 928

LUCIMERY BARBOZA FREITAS

UMA LEITURA FILOSÓFICA DA EDUCAÇÃO HOMÉRICA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Área de concentração: Filosofia da Educação.

Aprovada em: 11/03/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Valmir Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Dr. Gilmara Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Os deuses fiaram a ruína dos homens, para que poemas fossem gerados à posteridade.”
(Homero).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	REFLEXÕES SOBRE O SENTIDO DO MITO	10
3	A EDUCAÇÃO PARA A VIRTUDE EM HOMERO	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	22

UMA LEITURA FILOSÓFICA DA EDUCAÇÃO HOMÉRICA

Lucimery Barboza Freitas (UEPB)¹.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar “Uma leitura filosófica da Educação Homérica”, visto que é com Homero que se institui o processo de formação do indivíduo e da cidade no período Antigo. Homero em a *Ilíada* e a *Odisseia* nos apresenta e nos convida a refletir sobre o papel da *areté* na *polis*, visando formar uma cidade nobre que deveria ser, conseqüentemente, guerreira. Com Homero o Mito é a base para a formação de um povo nobre e para a construção da cidade valente, honrosa e vitoriosa. Como fonte metodológica dividimos esse trabalho em duas seções, sendo a primeira intitulada de “Reflexões sobre o sentido do Mito”, e, a segunda chamada “A Educação para a Virtude em Homero”. Neste trabalho apresentamos que o mito é um aspecto predominante das culturas que possuem a tradição oral como fundamento das suas origens. E que nesses modelos de cultura se fazia necessário que a *polis* viesse a se tornar guerreira, devendo aspirar à vitória na guerra. Logo, vencer o inimigo simbolizava a excelência, a imponência e a demonstração da eficácia do processo formativo daquele povo, eram defensores de si e da sua cidade, como fizera Homero nas obras, a saber, na *Ilíada* e na *Odisseia*.

Palavras-chave: Areté. Homero. Mito. Educação.

ABSTRACT

This article aims to present "A philosophical reading in homeric education", since it is with Homero that the process of formation of the individual and the city in the Old period is instituted. Homer in the Iliad and the Odyssey introduces us and invites us to reflect on the role of the arete in the polis, in order to form a noble city which should, therefore, be a warrior. With Homer the Myth is the basis for the formation of a noble people and for the building of the brave, honorable and victorious city. As a methodological source we divided this work into two sections, the first one entitled "Reflections on the meaning of the Myth", and the second called "Education for Virtue in Homer". In this work we present that myth is a predominant aspect of cultures that have the oral tradition as the foundation of their origins. And that in these models of culture it became necessary for the polis to become a warrior, and to aspire to victory in the war. Therefore, to overcome the enemy symbolized the excellence, the imposition and the demonstration of the effectiveness of the formative process of that people, they were defenders of themselves and of their city, as Homer had done in the works, namely, in the Iliad and in the Odyssey.

Keywords: Areté. Homer. Myth. Education.

¹Graduada em Filosofia pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira (USEP). Professora da Rede Estadual de Educação do Estado da Paraíba, lotada na Escola Cidadã Integral Técnica Dr. Elpídio de Almeida, vulgo Estadual da Prata, na cidade Campina Grande. Aluna especial do Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

1 INTRODUÇÃO

Desde o período Antigo, mais especificamente, na Grécia Antiga, os mitos eram utilizados pelos povos gregos para explicar a origem do universo e os acontecimentos do cotidiano, apresentando que os deuses, os semideuses e os heróis. Cada um em específico tinha uma finalidade, além de explicar os fatos e as ações que ocorriam em seu meio.

Através do mito, o homem busca a narrativa mítica para nela colocar as suas expectativas de mundo, visando apresentar provas e argumentações acerca de tudo que existe. Neste sentido, acreditamos que o mito é uma fonte de explicação argumentativa e esclarecedora de todas as coisas existentes.

Neste artigo temos como objetivo principal apresentar “*Uma Reflexão sobre o papel do Mito na Educação Homérica*”, pois é com Homero, poeta que viveu na Grécia Antiga, por volta do século VIII a. C., que se institui o processo de formação do indivíduo e da cidade no período Antigo. Homero em a *Ilíada*² e a *Odisseia*³ nos apresenta e nos convida a refletir sobre o papel da *areté* na *polis*, visando formar uma cidade nobre que deveria ser, consequentemente, guerreira. Portanto, com Homero o Mito é a base para a formação de um povo nobre e para a construção da cidade valente, honrosa e vitoriosa.

Esse trabalho está dividido em duas seções, sendo a primeira intitulada de “Reflexões sobre o sentido do Mito”, e, a segunda chamada “A Educação para a Virtude em Homero”, as quais têm como fim conduzir-nos para o entendimento do que viria a ser o papel do mito na Grécia Antiga e a importância da poesia homérica na educação dos povos gregos.

Em “Reflexões sobre o sentido do Mito” tomamos como fundamento teórico as contribuições de Brandão (1986), o qual nos apresenta o sentido do mito como uma narrativa discursiva; Rocha (1991) nos apresentando que o mito é aquilo que nos conduz a

2A *Ilíada* (em grego antigo: Ἰλιάς, IPA: [i:liás]) é um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, de autoria atribuída ao poeta Homero, que narra os acontecimentos decorridos no período de 50 dias durante o décimo e último ano da Guerra de Troia, conflito empreendido para a conquista de Ílio ou Troia, cuja gênese radica na ira (μῆνις, mênis) de Aquiles. A *Ilíada* é atribuída a Homero, que se julga ter vivido por volta do século VIII a.C., na Jônia (atualmente região da Turquia), e constitui o mais antigo e extenso documento literário grego (e ocidental) existente. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/iliada/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

3 *Odisseia* (em grego clássico: Οδύσσεια; transl.: *Odýsseia*) é um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, atribuídos a Homero. [...] A *Odisseia*, assim como a *Ilíada*, é um poema elaborado ao longo de séculos de tradição oral, tendo tido sua forma fixada por escrito, provavelmente no fim do século VIII a.C. [...] O poema relata o regresso de Odisseu, (ou Ulisses, como era chamado no mito romano), herói da Guerra de Troia e protagonista que dá nome à obra. Como se diz na proposição, é a história do “herói de mil estratégias que tanto vagueou, depois de ter destruído a cidadela sagrada de Troia, que viu cidades e conheceu costumes de muitos homens e que no mar sofreu mil tormentos, quanto lutava pela vida e pelo regresso dos seus companheiros”. Odisseu leva dez anos para chegar à sua terra natal, Ítaca, depois da Guerra de Troia, que também havia durado dez anos. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/iliada/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

compreender a origem do universo e das sociedades antigas, trazendo o sentido de que o mito é a expressão do mundo e da realidade; Menard (1985), esboça o sentido de que o mito não é uma lenda, mas, configura a verdade; Elíade (1989) que nos conduz ao entendimento de que o mito é uma história sagrada, e, portanto, uma realidade cultural. Além de afirmar que o mito é uma herança concedida as sociedades; Burkert (1991) nos traz um conhecimento similar ao de Rocha nos apresentando que o mito é fundamental para trazer a “verdade” da e sobre a origem. Por fim, na segunda seção tomamos as contribuições de Mendes (1996) ao afirmar que o mito tem uma função cultural relevante, tendo como objetivo compreender e explicar os anseios e os problemas que têm preocupado os homens.

Já em “A Educação para a Virtude em Homero” seguimos, inicialmente, o entendimento de Fonseca (1998), o qual faz um recorte histórico sobre o período antigo, afirmando que tal período corresponde a Educação Homérica e a Educação Antiga de Atenas e Esparta. Em seguida, retomando ainda a compreensão sobre o que venha a ser o mito e o seu papel e importância para os povos gregos, tomamos as contribuições de Marcondes (2008) ao evidenciar em seus estudos que o mito é uma configuração própria da visão de mundo dos indivíduos; com Nunes (2017) que a tradição mítica é uma derivação de Homero e Hesíodo (750 a.C – 650 a.C.), e por meio deles se desenvolveu a Educação Arcaica, logo, a educação que derivou de Homero e Hesíodo tinha como fim a formação do homem guerreiro configurada na pessoa do herói. Além disso, a educação arcaica baseia-se na poesia, entretanto, Platão (427 a.C.-347 a.C.) se coloca contrário a tal modelo de educação e propõe a filosofia como modelo para a nova *Paideia*, ressaltando a necessidade do abandono da *doxa* para o encontro com a *episteme*.

Ainda sobre a segunda seção, com Jaeger (1986) apresentamos que o papel do poeta é inspirar e conduzir a cidade para aquilo que há de mais elevado, ou seja, o dever do poeta é dirigir a cidade para aquilo que há de mais nobre e honroso. Na busca por esse objetivo Jaeger (1986) nos apresenta na *Ilíada* que os heróis possuem um gosto pela guerra e pelo campo de batalha, porque sendo a cidade guerreira, esta deveria vencer fornecer uma educação que conduzisse o homem à vitória contra o inimigo, a fim de que não viesse a se tornar escravo do seu inimigo em consequência de sua derrota na guerra. Por isso, era necessário que os homens e a cidade aspirassem a *areté*. Fonseca (1998) reafirma a posição de Jaeger (1986) de que o herói é o modelo a ser seguido por toda *polis*, visto que o herói é o melhor *aristós*. Com Fonseca (1998) a figura de Aquiles⁴ apresentada como símbolo e exemplo de melhor

4 Filho de Tétis e Peleu (por isso chamado de Pélide ou Peleio) o rei de Tessalia. Tétis é filha de Oceano e na tentativa de imortalizar os seus filhos ela sempre os matava. No sétimo filho, entretanto, ela resolve banhá-lo no

guerreiro, porque ele possuía a *areté*, a qual se justifica enquanto um atributo próprio da nobreza. Ainda, Fonseca nos conduz a compreensão de que os fundamentos da educação homérica estavam pautados no desenvolvimento da coragem, da bravura, da força, da destreza, da eloquência, da persuasão e da heroicidade no homem.

Portanto, enxergamos a necessidade de fazermos Uma Reflexão sobre o Papel do Mito na Educação Homérica, a qual corresponde a um aspecto dos povos que possuíam a tradição oral como fundamento das suas origens. Assim, a *polis* guerreira deverá aspirar à vitória na guerra, e, por meio dessa inspiração, instituir uma formação que conduzisse a toda cidade e a todos os cidadãos para este fim. Logo, vencer o inimigo simbolizava a excelência, a imponência e a demonstração da eficácia do processo formativo daquele povo, os quais eram defensores de si e da sua cidade, como fizera Homero em suas obras acima citadas.

A escolha do tema é uma extensão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado durante a graduação em Filosofia, pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira (ISEP). Neste sentido, a pesquisa se justifica na necessidade e anseio em se aprimorar na “Mitologia Grega” através das narrativas de Homero, em especial, nas obras a *Iliada* e a *Odisseia*. Além disso, a pesquisa se estende ao meu ambiente de trabalho, em que tento na medida do possível, trabalhar a relação do Mito e a Filosofia, e, a passagem do rompimento do Mito para a Filosofia com os meus alunos de ensino médio durante as aulas de filosofia, mais especificamente, com os meus alunos da Escola Cidadã Integral “Dr. Elpídio de Almeida”, conhecido popularmente como o “Estadual da Prata”, no município de Campina Grande.

Durante as aulas trabalhando com o enfoque do “Mito e a Filosofia” os alunos ficam perplexos, com o espanto e a curiosidade gerando pelas narrativas Homéricas, fazendo despertar, ainda mais, o interesse pela área de Filosofia, em especial, a Filosofia Antiga. Buscando compreender a criação o conhecimento Mitológico e a sua contribuição dada a Filosofia e para o conhecimento científico que temos, hoje, na contemporaneidade.

2 REFLEXÕES SOBRE O SENTIDO DO MITO

Para darmos início a esta seção do trabalho corroboramos com o pensamento de Brandão ao expressar que:

rio Stix segurando-o pelos calcanhares, tornando, assim, Aquiles invulnerável em todo o corpo, menos, nessa parte. É educado pelo centauro Chiron. É o herói mais da guerra de Troia e talvez um dos maiores de toda a Grécia. O tema principal da *Iliada* é a sua briga com Agamêmnone. (HOMERO, 2012, p. 454).

É necessário deixar bem claro, nesta tentativa de conceituar o mito, que o mesmo não tem aqui a conotação usual de fábula, lenda, invenção, ficção, mas a acepção que lhe atribuíam e ainda atribuem as sociedades arcaicas, as impropriamente denominadas culturas primitivas, onde mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. Em outros termos, **mito**, consoante Mircea Eliade, **é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, *illo tempore***, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou tão-somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie animal ou vegetal, um comportamento humano. Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser. (BRANDÃO, 1986, p. 35-36 - **Grifos nossos**).

Como sabemos a palavra Mito é de origem grega e significa “narrativa”. Por meio do mito é gerada a consciência mítica, a qual é um aspecto predominante das culturas que possuíam ou das que ainda possuem a tradição oral como fundamento das suas origens. O mito enquanto narrativa constitui-se enquanto verdade que apresenta uma coerência lógica, uma argumentação rigorosa em um direcionamento estético.

Logo, o mito não é uma intuição, mas é algo misterioso, um enigma a ser decifrado que nos leva ao espanto por meio do mistério. Neste sentido, compreendemos que:

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais. [...] Mas o mito não seria uma narrativa ou uma fala qualquer. Se assim o fosse ele se descaracterizaria, perderia sua especificidade. [...] O mito é, então, uma narrativa especial, particular, capaz de ser distinguida das demais narrativas humanas. (ROCHA, 1991, p. 03).

Segundo Rocha (1991) entendemos o mito enquanto uma narrativa discursiva, a qual fala e reflete sobre a existência de uma dada realidade, sendo tal realidade composta de contradições, paradoxos, dúvidas e inquietações que exigem do homem a necessidade de retornar as suas origens, com o objetivo de compreender o seu “estar no mundo”.

Neste sentido, devemos compreender que o mito não é um discurso qualquer, ou seja, vazio. Mas, que o mito é um discurso verdadeiro, a saber, a fala de uma realidade que existe no mundo.

O mito em suas origens traz como característica o pensamento que conduz a compreensão da origem, a saber, a origem do universo e dos demais objetos, membros e seres que existem em seu meio. Logo, os mitos eram escritos em versos, mas, devemos entender que na Grécia Antiga o conhecimento acerca dos mitos era realizado por meio do diálogo e da memória, os quais foram repassados de geração a geração. Acerca do princípio do mito nos é apresentado que:

Na origem, a resposta do deus, tal qual a davam os sacerdotes, era sempre formulada em versos; mas tendo tido um filósofo a ideia de perguntar por que o deus da poesia se exprimia em maus versos, a ironia foi repetida por todos, e o deus passou a falar somente em prosa, o que lhe aumentou o prestígio (MENARD, 1985, p. 30).

Partindo das afirmações de Menard (1985) compreendemos que o mito não deve ser considerado uma lenda, mas sim, uma **verdade**. É uma **verdade**⁵ compreensiva da realidade e do mundo existente, pois o mito representa a organização do pensamento científico, político, religioso e cultural das primeiras civilizações. Ao passo que a lenda, no mundo moderno, se configura em uma fantasia criada pelo homem, a qual cria uma realidade fictícia e fantasiosa divergente da realidade existente no mundo e do próprio mundo.

Para muitos, os mitos correspondem apenas a um amontoado de histórias que nada dizem ou que nada têm a dizer. Entretanto, somos convidados a compreender que em qualquer lugar do planeta encontraremos mitos, porque os mitos são o fundamento e aquilo que sustenta as culturas que existem. Logo, a função do mito é contar e narrar os primórdios de um dado povo.

Neste sentido, Eliade (1989, p. 13) sustenta que: “[...] o mito é considerado como uma história sagrada, e, portanto, uma “história verdadeira”, porque se refere sempre a realidades”. O mito é uma “história sagrada” por ser incontestável, em que cabia aos indivíduos tomarem como ponto de partida o entendimento do surgimento do *cosmos* dada por tal história. Além disso, o mito é uma “história verdadeira” por retratar a realidade dos indivíduos, a sua cultura e a sua formação, a qual era fundamentada na e para o encontro com a *areté*.

Todavia, a tentativa de apresentar um conceito para o termo mito é uma tarefa de alta complexidade, ou seja, a possibilidade de dizer aquilo que o mito seja é algo difícil, principalmente, se tentarmos delimitar o objeto e o âmbito em que o mito atua. Acerca dessa dificuldade de dizer o que o mito venha a ser, Eliade nos apresenta que:

Seria difícil encontrar uma definição de mito que fosse aceite por todos os estudiosos e, ao mesmo tempo, acessível aos não especialistas. [...] O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares (ELIADE, 1989, p. 12).

Para Eliade (1989), não há um conceito fechado para definir o termo mito entre os especialistas que têm os mitos como objeto de estudo. Porque por se tratar de algo que diz

⁵ Aqui empregamos o termo *verdade* para designar a força que o conhecimento mítico possui. Sendo o mito uma verdade religiosa, política e cultural das sociedades primitivas na Grécia Arcaica.

respeito à realidade, a saber, a realidade cultural de um dado povo, o mito é compreendido como algo complexo que, com o passar do tempo, tornou-se polissêmico.

É necessário compreendermos que os mitos são narrativas, as quais com Hesíodo, o qual viveu na Beócia, por volta do ano 8.00 a. C., e, com Homero narram à realidade dos deuses e dos heróis, narrando à origem do mundo e o seu processo de estruturação, ou seja, de organização. Partindo desta afirmação compreendemos que:

Neste sentido, o mito é fundamental – sem por isso se ter de falar explicitamente de tempos primordiais – como “carta de fundação” de instituições, explicação de rituais, precedente para aforismos mágicos, esboço de reivindicações familiares ou étnicas, e, sobretudo, como orientação que mostra o caminho neste mundo ou no além. O mito neste sentido nunca existe “puro” em si, mas tem por alvo a realidade; o mito é simultaneamente uma metáfora ao nível da narração (BURKERT, 1991, p. 18).

Como vemos, segundo Burkert (1991), o mito é necessário por trazer a verdade da origem, por contar às gerações a fundação dos Estados, por trazer o conhecimento religioso por meio dos mitos que narram sobre os rituais, por orientar aos homens o caminho a ser percorrido. Logo, podemos dizer que a força do mito está na realidade que ele conta e narra de forma metafórica. Portanto, somos conduzidos a compreender que: “[o] mito pode ter uma função cultural relevante, ajudando-nos a compreender e a explicar os anseios e os problemas que têm preocupado os homens” (MENDES, 1996, p. 54).

Ainda, muitos compreendem que o mito é algo fantasioso, que são histórias de realidades não existentes, que contam coisas desnecessárias. Entretanto, devemos entender que:

Aquilo para que o mito nos aponta é a integridade de algo que se perdeu, o nada que é tudo para o momento da restituição do homem a uma ordem perdida ou a sua reintegração cósmica para além do caos, para o interior do que é o seu lugar efectivo no universo. O único mito é só o da origem e o da reintegração, coincidindo a auto-suficiência do mito, que remete para si, com a imagem arcaica ou original que designa o movimento regressivo para o momento estático da origem: do tempo e da história para o que o não é (PIMENTEL, 2008, p. 9).

Para Pimentel (2008) o mito representa um retorno a origem, e, ao mesmo tempo, representa a realidade existente, ou seja, ao “aqui e agora”. O mito nos lança a reconstituição das origens das realidades, a saber, as realidades culturais. O mito é uma atitude reflexiva de si mesmo e de nós mesmos, a qual narra a nossa história, a nossa verdade que corresponde ao nosso presente. O mito nos põe no processo de movimento que parte da realidade retornando ao tempo passado a fim de compreender as conjunturas e tensões do tempo presente.

Nesta razão, “[os] mitos revelam as estruturas do real e os múltiplos modos de existir no mundo. É por isso que constituem o modelo exemplar dos comportamentos humanos: revelam histórias verdadeiras, referindo-se às realidades” (ELIADE, 1989, p. 10). O mito tem o poder de revelar a realidade que se encontra velada. O mito é, portanto, a revelação da verdade. Para Eliade, o mito é a revelação da verdade do mundo. Por isso, o mito “é” e tem como tarefa revelar o mundo, permitindo ao homem compreender a sua origem, o seu lugar e a sua existência. Ainda ressaltamos que segundo Eliade:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (ELIADE 1978, p. 11).

A partir do exposto por Eliade (1978) compreendemos que os mitos são uma espécie de herança concedida a todas as sociedades, a qual diz respeito à capacidade imaginativa dos seres humanos em produzir e criar situações lendárias e mitológicas que fundamentem a sua própria origem e a possibilidade de dizer quem são eles mesmos. Entretanto, se faz necessário compreendermos que os mitos não sofrem mudanças históricas. Logo, quem passa por esse processo de alteração são as lendas. Ainda, Eliade afirma que:

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. (BRANDÃO, 1986, p. 36).

Portanto, o mito é a verdade do mundo e da realidade humana, o qual projeta por meio das narrativas a verdade da realidade daquela determinada cultura e daquele dado povo. O mito é a explicação da origem do mundo e do homem, o mito é uma explicação complexa da realidade, a qual não é lógica, mas, irracional como apresenta Brandão (1986) em seus estudos acerca de tal objeto.

3 A EDUCAÇÃO PARA A VIRTUDE EM HOMERO

Sobre o recorte histórico, podemos ressaltar segundo os estudos realizados por Fonseca que o:

[...] o período antigo, que compreende a educação homérica e a educação antiga de Esparta e Atenas, e o novo período, o da educação no "século de Péricles", [corresponde] este ao período áureo da cultura grega, o qual se inicia com os Sofistas e se desenvolverá com os filósofos/educadores ou educadores/filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles (FONSECA, 1998).

Ao longo dos tempos, os mitos serviram como fonte de organização e desenvolvimento da sociedade. Para os povos gregos, os mitos eram de suma importância para a formação religiosa e desenvolvimento da sociedade. Os mitos narravam os acontecimentos ocorridos desde o surgimento do mundo, além de possibilitar a compreensão das coisas que existem no planeta terra, possibilitando o respeito e a organização da sociedade por meio da finalidade dos deuses, semideuses e heróis. Segundo Marcondes (2008), nos é afirmado que:

[...] o mito configura assim a própria visão de mundo dos indivíduos, a sua maneira mesmo de vivenciar esta realidade. Nesse sentido, o pensamento mítico pressupõe a adesão e a aceitação dos indivíduos, na medida em que constitui as formas da experiência do real. O mito não se justifica, não se fundamenta, portanto, nem se presta ao questionamento, a crítica ou a correção (MARCONDES, 2008, p. 20).

Além disso, corroboramos e afirmamos segundo Nunes (2017) que:

[...] a tradição mítica, de base rural, derivada de Homero e Hesíodo, definida como educação arcaica, chamada também de paideia antiga, que consistia em buscar formar a aristocracia grega nos critérios de exaltação da coragem bélica e heroica, em elogiar a preparação para a guerra, para o cuidado da casa, treinar para o sucesso no exercício dos negócios particulares. [...] A Paideia configurava as lições dos adultos que preparavam os jovens para a aquisição da força, para a valentia, a destreza, a busca permanente da coragem, o estrito senso do dever e de honra que convêm aos guerreiros (NUNES, 2017, a, p. 61).

Para os gregos seus mitos eram conhecidos por meio das obras dos grandes poetas Hesíodo e Homero. Os poemas de Hesíodo e Homero serviam como formação educacional do povo, levando-os a conhecerem a história de seus deuses e heróis, contribuindo para a formação religiosa, além de permitir a compreensão do surgimento do mundo e das coisas aos povos gregos. Acerca do dizer do poeta e a sua contribuição na formação do homem em sua *polis* nos é dito por Jaeger que:

O coração do poeta está com os homens que representam a elevação da sua cultura e costumes, e isso se percebe passo a passo. A contínua exaltação que faz das suas qualidades tem, sem dúvida, uma intenção educativa. [...] A posição e o domínio preeminente dos nobres acarretam a obrigação de estruturar os seus membros desde a mais tenra idade segundo os ideais válidos dentro de seu círculo. A educação converte-se aqui, pela primeira vez, em formação, isto é, na modelação do homem integral de acordo com um tempo fixo (JAEGER, 1986, p.44-45).

Para Jaeger (1986) o poeta deve inspirar e conduzir toda a cidade ao espelho-exemplo de conduta dos homens de estima elevada que representam aquilo que há de mais nobre e que se assemelha aos deuses. Logo, o papel de formação do caráter da cidade é algo que deve ser exercitado continuamente. Formar uma cidade nobre e guerreira é algo necessário que se inicia desde quando o indivíduo ainda é pequeno até o último dia de sua vida.

Segundo Jaeger, a educação é aquilo que se converte “na modelação do homem integral de acordo com um tempo fixo” (JAEGER, 1986, p. 45). Ou seja, o processo de formação permite ao sujeito torna-se um ser íntegro ao se encontrar com a *areté* guerreira, e, portanto, tornar-se um guerreiro defensor de si e de sua *polis*. Para Jaeger, a educação deve ocorrer de modo constante, permitindo ao indivíduo se encontrar e exercer as virtudes (coragem, fortaleza, sabedoria, temperança) necessárias para a sua atuação e participação dentro dos processos deliberativos, judiciários e políticos da *polis*.

Nesta razão, o poeta visa em seus poemas que a cidade seja nobre e heroica. Além de apresentar que a cidade esteja preparada para enfrentar o inimigo que deseja derrubá-la e escravizá-la: Uma cidade derrotada representa o símbolo da baixeza e da vergonha. Por isso, o poeta como educador e formador de homens e de uma cidade vitoriosa anseia que esta seja forte, resistente e vitoriosa. Neste sentido, ir à guerra e lutar contra o inimigo invasor representa, para o poeta, o que há de mais nobre para um homem guerreiro e uma cidade guerreira. Sobre tal perspectiva, Jaeger (1986) nos apresenta que:

Os heróis da *Ilíada*, que se revelam no seu gosto pela guerra e na sua aspiração à honra como autênticos representantes da sua classe, são, todavia, quanto ao resto da sua conduta, acima de tudo grandes senhores, com todas as suas excelências, mas também com todas as suas imprescindíveis debilidades. É impossível imaginá-los vivendo em paz: pertencem ao campo de batalha. Fora dele só os vemos nas pausas do combate, nas suas refeições, nos seus sacrifícios, nos seus conselhos (JAEGER, 1986, p. 41).

Para Jaeger (1986) a *polis* guerreira aspira à vitória na guerra, porque a vitória personifica a honra. Vencer o inimigo simboliza a excelência, imponência e demonstra a eficácia do processo formativo daquele povo, os quais são defensores de si e da sua cidade, a qual é o berço. Logo, Jaeger (1986) nos diz que é impossível concebemos em pensamento a paz na cidade guerreira porque a *polis* e o seu povo “pertencem ao campo de batalha” (JAEGER, 1986, p. 41). Ou seja, para os gregos havia a exigência da *polis* estar sempre preparada para a batalha, para o enfrentamento dos ataques bárbaros.

Nas obras de Homero, mais especificamente, na *Ilíada* encontramos no escopo dos versos o herói guerreando contra o ataque inimigo. Ao passo que na *Odisseia* o herói nos é apresentado após a sua participação na guerra. Sobre a *Odisseia*, Jaeger (1986) ressalta que:

A nobreza da Odisseia é uma classe fechada, com intensa consciência dos seus privilégios, do seu domínio e dos seus costumes e modos de vida refinados. Em vez das grandiosas paixões das figuras sobre-humanas e dos trágicos destinos da *Ilíada*, deparamos no novo poema com grande número de figuras de estatura mais humana (JAEGER, 1986, p. 43).

Homero conduz a cidade a aspirar a *areté*, a tornar-se honrosa na guerra e nos seus costumes. Na *Ilíada*, Homero nos traz Aquiles como o símbolo de virtude a ser seguido por todos os homens da *polis*. Acerca da figura heroica de Aquiles, Fonseca (1998) nos apresenta que o guerreiro Aquiles é um:

[...] herói modelo, nobre, valente e corajoso, o melhor - aristós - entre todos [...]. Para além do guerreiro valoroso, valente, corajoso e honrado, Aquiles é o protótipo do perfeito cavaleiro da época homérica, arcaica, cortês, cavalheiresco, de boas maneiras, fino e polido no trato social. Mas se é em Aquiles que melhor se realiza este ideal, é evidente que não se chega lá espontaneamente, antes se pressupõe uma educação apropriada (FONSECA, 1998, p. 5).

Segundo Fonseca (1998), Aquiles é representado por Homero como símbolo e exemplo de “melhor guerreiro”. Na *Ilíada*, Homero nos apresenta Aquiles como o modelo de homem a ser seguido e, por isso, representa o modelo ao qual a educação deveria se estruturar para formar os demais cidadãos que, por sinal, deveriam exercer a função de guerreiros em defesa da *polis*. Sobre a formação dos homens na *polis*, Fonseca (1998) ressalta que para que a cidade desenvolvesse a formação dos cidadãos, tendo como modelo a figura de Aquiles, seria preciso que se instituisse “uma educação apropriada” (FONSECA, 1998, p. 5), a saber, a educação para a *areté*.

Em relação à educação que se estrutura e aspira a *areté* podemos que ressaltar que:

[...] aretê designa um atributo próprio da nobreza, um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais tais como: a bravura, a coragem, a força e a destreza do guerreiro, a eloquência e a persuasão, e, acima de tudo, a heroicidade, entendida esta como a fusão da força com o sentido moral. A esta concepção de *aretê* se juntou, não pela etimologia mas pelo sentido, *agathós*. Ser *agathós* é ser nobre, é ter força ou coragem ou habilidade para qualquer fim superior (FONSECA, 1998, p.7-8).

Segundo Fonseca (1998) a *areté* representa “um atributo próprio da nobreza” (FONSECA, 1998, p. 7-8) e que por meio dela a educação poderá desenvolver no homem inúmeras qualidades as quais serão úteis para a sua participação no seio da *polis*. Logo, por

meio da *areté* o homem virá a tornar-se um guerreiro-heroico por meio do estabelecimento do sentido moral que a sua cidade almeja, a saber, tornar-se uma cidade vitoriosa na guerra.

A educação homérica tinha como fundamento desenvolver no homem “a bravura, a coragem, a força [...] a destreza do guerreiro, a eloquência [...] a persuasão, [...] e] a heroicidade [...] como a fusão da força com o sentido moral” (FONSECA, 1998, p. 8). Na educação homérica vemos que tais atributos e fundamentos se fazem necessários para tornar a cidade guerreira. A cidade, tendo em vista as invasões inimigas, deveria estar preparada para combater os inimigos.

Neste sentido, “a força”, “a bravura”, “a coragem”, “a destreza”, “a eloquência” e a “persuasão” eram habilidades importantes do processo formativo elaborado por Homero. Pois, ir à guerra em defesa da *polis* se compreendia na mais alta estima do “sentido moral”, porque o fundamento primário da moral homérica se compreende na defesa da cidade contra as invasões inimigas. Em que cabia a cidade guerrear e vencer o inimigo, tornando-se, portanto, vitoriosa e escravizando os inimigos em seu território.

Além disso, era preciso que a cidade viesse a ser uma *polis* nobre, ou seja, é preciso que a cidade tenha força, coragem e habilidade para atingir a “[...] qualquer fim superior” (FONSECA, 1998, p.7-8). Ainda, sobre a busca da *areté* na cidade guerreira podemos afirmar que a *areté* é: “[...] o tema da virtude – *areté* – como tema central e núcleo fundamental à volta do qual gira toda a discussão acerca da questão educativa, da Paideia, - porque educar, é, em última análise, tornar melhor o homem, aperfeiçoá-lo, torná-lo mais virtuoso”. (FONSECA, 1998. p.8). Para Fonseca (2008), o papel da educação se dirige em tornar o homem “melhor” e, portanto, “virtuoso”. Assim, a educação conduz o homem aos ditames da *areté*, desenvolvendo as suas habilidades de combatentes e defensores de si e de sua *polis*.

Logo, o sentido de proporcionar uma educação virtuosa é um tema que vai ultrapassar o sentido do pensamento homérico se estendendo aos períodos posteriores de toda a Grécia Antiga e de toda humanidade. Sobre a educação homérica podemos frisar que:

[...] a educação arcaica grega baseia-se na poesia, utiliza-se da rapsódia e embasa-se na proposição intencional de uma educação para a virtude, para a admiração dos heróis e de seus feitos. Essa educação moral era a sustentação da educação aristocrática ateniense. Nos séculos IV a.C. Platão e Aristóteles buscarão uma nova forma de embasamento da significação racional da vida, ao intentar definir os fundamentos éticos e políticos para o sentido da vida humana em sociedade. Uma educação centrada na *Iliada* e na *Odisséia*, que reporta a Homero, era a prática de formação do homem aristocrata ateniense, até a interposição dos filósofos matriciais Platão e Aristóteles! O fundamento desta educação aristocrática girava ao redor do conceito de *areté* ou de virtude (NUNES, 2017, p. 3).

Segundo Nunes (2017) vemos que o pensamento de uma educação para a virtude, a qual foi nos dada como herança por meio do pensamento de Homero, a saber, que a educação deveria aspirar a *areté* como reporta Homero na *Ilíada* e na *Odisseia*, se estendeu a proposta de educação de Platão e Aristóteles como meio para a “formação do homem aristocrata ateniense” (NUNES, 2017, p. 3). Assim como fez Homero, Platão e Aristóteles desenvolviam o seu projeto de educação “na proposição intencional de uma educação para a virtude, para a admiração dos heróis e de seus feitos” (NUNES, 2017, p. 3). O que encontramos em Platão e Aristóteles acerca do processo de formação dos indivíduos embora com suas dissonâncias é um reflexo da *paideia* de Homero, porque foi com Homero que surgiu a necessidade de guiar o homem e a *polis* para a virtude, para a *areté*. E que, portanto, se estendeu aos períodos posteriores no decorrer da história da humanidade.

Entretanto, acerca da educação platônica, Nunes (2017, a) ressalta que:

Platão opõe-se à educação poética, de tradição homérica, de base mitológica, e a define como Paidéia arcaica, mas propõe, no conjunto de seu ofício, um novo ideal ético, estético e político, pelo caminho igualmente salutar da educação, agora definida como uma nova educação, ou seja, a filosofia como uma nova Paideia (NUNES, 2017, p. 15).

Por meio da sua Paideia, Platão busca desenvolver um novo ideal de formação para a *polis*. Platão nos traz a necessidade do homem se tornar virtuoso a fim de que governe a *polis* almejando torná-la justa, nobre e perfeita. Nesta proposta de uma “nova educação”, segundo Nunes (2017, b), Platão nos apresenta “a filosofia como uma nova Paideia”, ou seja, por meio da filosofia:

[...] Platão advoga que a Paideia política, o amplo processo de formação do homem, através da filosofia, deve encontrar inspiração na doutrina da origem da alma, de modo a não se deixar enganar pelos falsos preceptores, pelos demagogos, pelos sofistas e por toda espécie de charlatões que pululavam na desordeira Atenas do seu tempo. (NUNES, 2017, b, p. 77).

A proposta platônica se configura na tentativa de uma formação ideal, a qual o homem não se deixe levar pelo caminho da *doxa*, mas, que seja proporcionada uma formação que conduza o homem para a *episteme*. Neste sentido, ressaltamos que:

O conhecimento que Sócrates identifica à *arete* é a *episteme* e não a *doxa*. E essa *episteme* – que não pode ser ensinada – não constitui uma ciência sobre coisas ou informações voltadas para a obtenção de prestígio ou de riqueza: é o conhecimento de si mesmo, a autoconsciência despertada e mantida em permanente vigia. Bom é, assim, o homem auto construído a partir de seu próprio centro e que age de acordo com exigências de sua alma – consciência – seu oráculo interior finalmente decifrado (PLATÃO, 2004, p.30).

Platão compreende a *areté* enquanto *episteme*. Ou seja, por meio da *areté* o homem desenvolve o conhecimento de si, a sua autoconsciência, a qual torna possível que ele compreenda e distinga entre aquilo que não é virtuoso e, portanto, falso daquilo que seja virtuoso e, portanto, verdadeiro. Assim, segundo Wandscheer (2007) nos é afirmado que: “A ideia de educação representava, desse modo, o sentido de todo esforço humano. O conhecimento próprio, a inteligência clara do Grego encontrava-se no topo do seu desenvolvimento” (WANDSCHEER, 2007, p.17).

Portanto, é por Homero que se inicia a proposta de uma formação para a virtude, a qual tem como objetivo desenvolver a *areté* na alma dos homens. Logo, é por meio de homens valentes, nobres e vitoriosos que surgirá a *polis* que também é valente, nobre e honrosa, visto que cabe a ela, a cidade, estar preparada para a guerra e preparar os seus concidadãos para combater o ataque inimigo. Sendo assim, Homero inspirou aos educadores posteriores que mesmo alterando a forma como o processo educacional deveria ocorrer, suscitou na alma desses educadores o fim último da educação, a saber, a busca e o encontro com a *areté*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho aqui apresentado compreendemos que por meio do mito, o homem busca uma narrativa poética para nela colocar as suas expectativas de mundo, visando apresentar provas e argumentações acerca de tudo o que existe. Neste sentido, acreditamos que o mito é uma fonte de explicação argumentativa e esclarecedora para um contexto e uma realidade particular.

Neste artigo nos colocamos na empreitada de realizarmos “Uma leitura sobre o papel do mito na educação Homérica”. Partindo daquilo que Homero nos apresenta na *Ilíada* e na *Odisseia*, sendo o fim do seu pensamento atingir a *areté* na *polis*, tomando um projeto de formação em que a cidade deveria ser nobre, e, conseqüentemente, guerreira. Nesta razão, para Homero, o Mito era a base para a formação de um povo nobre e para a construção da cidade valente, honrosa e vitoriosa.

Nas “Reflexões sobre o sentido do Mito” compreendemos o mito como uma narrativa discursiva, como aquilo que nos conduz a compreensão da origem do universo e das sociedades antigas, visto que o sentido do mito é expressar aquilo que o mundo e a realidade

são. Se faz necessário compreendermos que o mito não é uma lenda, mas, que configura a verdade.

O mito é uma herança concedida às sociedades. Neste sentido, o mito é fundamental para trazer a “verdade” da e sobre a origem do universo e das civilizações. Por fim, na segunda seção compreendemos que o mito tem uma função cultural relevante, tendo como objetivo compreender e explicar os anseios e os problemas que têm preocupado os homens.

Já em “A Educação para a Virtude em Homero” compreendemos que o mito é uma configuração própria da visão de mundo dos indivíduos; que a tradição mítica grega é derivada das contribuições de Homero e Hesíodo, os quais foram de suma importância para Educação Arcaica, a qual se configurava na formação do homem guerreiro. Logo, vimos que a educação arcaica se baseava na poesia diferente da posição de Platão que se posicionou contrário a tal modelo de educação. Nesta contrariedade, Platão propôs a filosofia como modelo para a nova *Paideia*, ressaltando que seria necessário aos homens abandonarem a *doxa* e se proporem a buscar a *episteme*.

Como vimos, Jaeger (1986) nos apresentou que o papel do poeta é inspirar e conduzir a cidade para aquilo que há de mais elevado, ou seja, que o dever do poeta é dirigir a cidade para aquilo que há de mais nobre e honroso. Logo, a cidade como um todo deveria ser o modelo do herói, o qual é o modelo a ser seguido por ser o melhor *aristós*. Nesta razão, o fundamento da educação homérica estava pautado no desenvolvimento da coragem, da bravura, da força, da destreza, da eloquência, da persuasão e da heroicidade no homem, o qual deveria vir a ser um *aristós*.

Portanto, compreendemos que o mito é um aspecto predominante das culturas que possuem a tradição oral como fundamento das suas origens. E que nesses modelos de cultura se fazia necessário que a *polis* viesse a se tornar guerreira, devendo aspirar à vitória na guerra. Logo, vencer o inimigo simbolizava a excelência, a imponência e a demonstração da eficácia do processo formativo daquele povo, os quais eram defensores de si e da sua cidade, como fizera Homero nas obras, a saber, na *Ilíada* e na *Odisseia*.

A presença do mito hoje na escola como ferramenta didática é viável como introdução para a reflexão filosófica, tanto por sua temática, por sua forma metafórica, por seu papel histórico na tradição do pensamento, como também como catalisador de interesse dos estudantes. A mitologia desperta a emoção e a atenção do jovem com sua dinâmica própria, abrindo a porta para as discussões mais aprofundadas da sua irmã mais nova, a filosofia.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- BURKERT, W. **Mito e mitologia**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FONSECA, Maria de Jesus. A Paideia Grega revisitada. **Millenium**, n. 9, jan. 1998. Disponível em: http://www.ipv.pt/millenium/esf9_mjf.htm. Acesso em: 21 fev. 2019.
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- _____. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- MENARD, R. **Mitologia Greco-Romana**. São Paulo: Fittipaldi, 1985.
- MENDES, José. **Características da cultura portuguesa: Alguns aspectos e sua interpretação**. Coimbra. Instituto de História Económica e Social, 1996. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/12795>. Acesso em: 02/12/2018.
- NUNES, César Aparecido. **Da Filosofia do Amor ao Amor à Filosofia**. Campinas, SP: Librum Edições & Editora Brasília, 2017, (p.1-69), a.
- _____. **Platão e a dialética entre a filosofia do amor e amor à filosofia**. Campinas, SP: Librum Editora e Editora Brasília, 2017, b.
- PIMENTEL, Manuel Cândido. O Mito de Portugal nas suas raízes culturais. In: _____. MÁRIO, LAGES; MATOS, Artur. **Portugal – Percursos de Interculturalidade**. Lisboa: Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 7-50, 2008.
- ROCHA, E. **O que é mito**. 5. ed. São Paulo. Brasiliense, 1991.
- WANDSCHEER, Rosane. **Paidéia e Utopia na Pedagogia da Libertação de Paulo Freire**. Dissertação de Mestrado, Curitiba, PUCPR, 2007. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_. Acesso em: 14 de fev. de 2019.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Valmir Pereira, coordenador do curso de Especialização em Filosofia da Educação, por seu empenho.

Ao professor Dr. José Arlindo de Aguiar Filho pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

À minha mãe Benedita Lima Barbosa, que esteve durante a minha vida acadêmica sempre se incentivando.

À minha avó Benedita de Souza Lima, aos meus filhos Antônio Justino de Araújo Neto e Lorena Barboza Freitas, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Ao meu amigo, pela força e incentivo, Rafael Bruno Gomes da Silva.

Aos professores do Curso de Especialização em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em especial, ao Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, ao Dr. Valmir Pereira, ao Dr. Thalles Azevedo de Araújo, ao Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães, ao Dr. Júlio César Kesting, ao Dr. José Nilton Conserva de Arruda, à Dr. Gilmara Coutinho Pereira, ao Dr. Reginaldo Oliveira Silva e à Dr. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha que durante todo curso nós trouxe grandes descobertas fazendo com que despertasse o desejo de saber cada vez mais, que contribuíram ao longo dos meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio.